

**percursoS libertários** | cristina lopreato\*

Nildo Avelino. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2004, 193 pp.

A vida, diz o poeta Ferreira Gular, “se inventa, a vida se faz”. De maneira sagaz e criativa, Nildo Avelino nos traz, em sua obra, percursos de vida trilhados por pessoas que inventaram suas vidas e se fizeram anarquistas. Viveram de e para o anarquismo, forjando um estilo de vida, uma ética. São pessoas singulares e, ao mesmo tempo, plurais. São muitas em cada uma delas. São livre-pensadores que cotidianamente se reinventam. São seres pensantes, militantes, uns mais falantes. Alguns já se foram, outros aí estão atuantes, vibrantes, contagiantes.

Nildo compartilha com os leitores o seu aprendizado do viver libertário de velhos militantes do Centro de Cultura Social, CCS, em especial Antonio Martinez (1915-1998) Jaime Cubero (1924-1998) e José Oliva Castillo (1912-2001), que transcenderam e se eternizaram na memória afetiva dos que os conheceram. Juntamente com Maria Aparecida Cubero, companheira de Jaime, Francisco Cuberos (Chico) e sua companheira Maruja, Diego Gimenez Moreno, José Carlos Morel (Zeca), entre outros, Nildo tem sua história de vida atravessada pelo CCS, local de encontros e de discussões

\* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Autora de *A semana trágica: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, Museu da Imigração, 1997.

libertárias, que, apesar da falta de recursos, resiste a deixar de funcionar.

A trajetória deste centro aglutinador de militantes e de simpatizantes anarquistas e de difusão dos valores libertários em terras paulistanas é traçada no segundo capítulo do livro, originalmente uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC de São Paulo, em 2002. Foi nos idos anos de 1933 que teve início as atividades do Centro de Cultura Social, numa modesta sala do Brás. Nesta primeira fase (1933-1937), destacou-se pela combatividade dos seus associados ao “fascismo crioulo” (integralismo) reinante na época. Depois do “tufão reacionário” do Estado Novo, reabriu suas portas em 9 de julho de 1945. De portas abertas permaneceu como locus privilegiado de debates e de propaganda libertária em São Paulo até 1969, quando o “tsunami” autoritário varreu as liberdades políticas do país. Foi na retomada das atividades do CCS, a partir de 1985, que Nildo fez sua descoberta entusiasmada do anarquismo, ao conhecer o modo de ser e de existir dos “anarquistas de cabelos brancos” e deles tornar-se companheiro.

As experiências de vida destes militantes aguerridos, destemidos e bem-humorados, recuperadas em entrevistas e na vivência com eles partilhada, são os fios com os quais Nildo tece sua trama narrativa. Seu interesse é conhecer e dar a conhecer a ética anarquista, fio condutor de sua pesquisa. Busca compreender o anarquista enquanto sujeito ético que não dissocia o pensar, o querer e o agir. Como sujeito de vontade própria, o anarquista reflete sobre si e descobre o outro, o seu duplo. Na construção de si há o (re)conhecimento da alteridade, da inter-subjetividade libertária que delineia uma maneira singular de ser e de estar no mundo.

Inspirado nas reflexões filosóficas de Michel Foucault sobre modos de subjetivação, nas concepções de Errico Malatesta sobre pensamento e vontade, saber e querer, e nos escritos libertários instigantes de Edson Passetti, que interroga o anarquismo como estética da existência, Nildo constrói sua antologia de existências anarquistas a partir de uma abordagem que privilegia a ética como conhecimento que se exerce como conduta, em que o sujeito constitui-se como sujeito dos seus próprios atos. Trata-se de um olhar inovador sobre como perscrutar práticas culturais libertárias que possibilitem compreender a maneira singular do anarquista conduzir-se.

Nas conversas com os anarquistas, das quais trechos são reproduzidos e analisados no terceiro capítulo, intitulado *Anarcké: estilos de existência*, as experiências individuais se entrecruzam com as vivências coletivas. A história oral se revela como fonte preciosa de investigação sobre os militantes que têm o auto-governo de si, o respeito de si mesmo, a solidariedade, o companheirismo, o amor aos livros e a vontade de saber como fundo-comum de suas narrativas. Nas entrevistas, cada militante acrescenta um pouco da sua experiência. É como uma corrente viva que liga gerações e que tem sempre um elo a mais que pode ser acrescentado. Expressa a forma de cada geração acolher a sabedoria das anteriores e acrescentar a sua.

Do mestre Jaime Cubero, que instilava alegria em todos nós, a lição inesquecível: “o melhor mestre é aquele que ensina a não ter mestre, pois o anarquista é mestre de si”. Jaime sorveu os ensinamentos libertários da geração que o precedeu no Centro de Cultura Social, em que se destacaram Adelino Pinho, João Penteado, Florentino de Carvalho e, em especial, Edgard Leuenroth, de quem foi companheiro de atividades anarquistas

como também de peripécias jornalísticas. Como participante ativo do CCS, contribuiu, de forma inestimável, para que a geração de jovens freqüentadores das atividades do Centro de Cultura Social abraçasse o anarquismo, entre eles o próprio Nildo. Autodidata, acreditava na instrução, na cultura e na vida associativa voluntária como meios eficientes para a transformação social. Generoso, afetivo e solidário, Jaime cativava a todos que conviveram com ele. Com seu irmão Chico, formava o par dos “irmãos Cuberos”.

Francisco Cuberos, no dizer de Nildo, é “o militante da alegria”, “a vertente lúdica” do CCS. Ator talentoso, sua vocação para o teatro manifestou-se ainda criança. Nasceu em 1924, no seio de uma família operária, teve sua infância marcada pelo convívio com o avô, contador-inventor de estórias para distrair os netos, e com a avó, que lhe exigia a leitura em voz alta dos folhetins comprados semanalmente. Mas foi no Centro de Cultura Social que Chico uniu o seu veio artístico às suas inquietações sociais e, em um processo de auto-criação, fez-se ator e anarquista. Deu vida e vigor às atividades culturais e recreativas desenvolvidas juntamente com Pedro Catallo, entre outros militantes do CCS, em especial durante a fase fértil das práticas culturais libertárias (1945-1969), como os recitais de poesia, montagens de peças teatrais como *Pense Alto* e *Verdugo*, e dos piqueniques libertários. Com sua verve anarquista e voz ainda tonante aos 82 anos, Chico concebe a liberdade como um querer-fazer. Para este peregrino do ideal libertário, “liberdade não é fazer tudo o que se quiser, mas querer tudo o que se fizer.”

Oriundo da Espanha, José Oliva Castilho se fez anarquista em terras brasileiras. Sua adesão ao CCS se deu aos 24 anos, ao conhecer os militantes João Vidigal e Antonio Martinez, em 1935. Como marceneiro habilidoso, José Oliva conseguiu montar uma cooperativa de móveis

e colocar em prática o ideal libertário da livre-associação. Isto lhe permitiu manter a autoria das obras e evitar submeter-se às relações assimétricas entre patrão e empregado. Em sua entrevista, pouco antes de falecer em 2001, como em um apelo à nova geração de militantes, asseverou que “o movimento anarquista é um movimento que não deve se perder, por muito pouco que ele seja, ele é muito grande”.

Diego Gimenez Moreno, ex-combatente da Guerra Civil Espanhola, é testemunho vivo da resistência anarquista à opressão do franquismo. Com seu forte acento espanhol e já com a idade de 91 anos, Diego sacudiu a juventude presente na sua última conferência no CCS, em dezembro de 2001, ao abordar a importância da leitura e da discussão coletiva do que se lê para a formação da consciência. Assim como com outros militantes, o apego aos livros e o apreço ao saber adquirido pelas leituras intimista e coletiva marcam sua trajetória libertária.

Do grupo de entrevistados, José Carlos Orsi Morel é o militante mais jovem, “o elo de continuidade das tradições e estilos dos ‘mais velhos’” (p. 161). Ainda adolescente, abraçou as idéias libertárias, ao conhecer o Centro de Cultura Social e conviver com Jaime e Chico Cuberos, Ideal Pérez, Diamantino, João Navarro e Antonio Martinez, Martins, o companheiro da primeira acolhida, a quem dedica calorosa estima. Físico e filósofo, homem de ciência e leitor voraz, Zeca preocupa-se com a tendência atual de intelectualização do anarquismo, da valorização das discussões teórico-acadêmicas que lega a perspectiva prática a um plano secundário. A exemplo dos autores/atores clássicos do anarquismo como Bakunin, Proudhon, Malatesta, Reclus, Kropotkin, entre outros, acredita que o conhecimento deve ter função revolucionária. Mais do que explicar, argumenta, é preciso primordialmente viver o anarquismo.